



## A MULHER NO MUNDO

### Uma problemática feminina?

Quando há alguns anos, numa reunião internacional, eu procurava descrever alguns dos aspectos dominantes da situação da mulher no mundo moderno, enquadrando-os na designação então corrente de "problemas femininos", Zygmunt Marzys, universitário polaco ao tempo vice-presidente da Pax Romana, irònicamente perguntou : "Mas porque não discutimos tambem os problemas masculinos ?"

Desconcertou-me entao a pergunta, tao óbvia me parecia a resposta. Verifiquei depois, em sucessivos contactos e discussões, que essa observação era corrente e traduzia acima de tudo a estranheza, a dúvida mesmo, perante a autenticidade de tais problemas. Com efeito, olhando à nossa volta, vemos a mulher em todos os domínios da actividade humana, com plena liberdade para dispor da sua própria vida, com a aparente segurança de quem está perfeitamente situado no mundo. E, olhando para a sociedade em bloco, parece-nos que se manifestam, ao menos na Europa, as condições dum equilíbrio crescente entre as funções dos dois sexos na vida social.

Uma análise mais atenta, uma reflexão mais cuidada, mostram, porém, que a segurança não conduz à consciência de plenitude e que o equilíbrio é ainda francamente instável. Entao já não é possível pôr, com o mesmo à-vontade, a pergunta do jovem polaco, ou, ao fazê-lo, já se define de algum modo a perspectiva em que a resposta vai ser encarada.

Rigorosamente falando, os "problemas femininos" carecem, de facto, de sentido. Num mundo que só evolui à custa de valores positivos e de certezas, não podemos definir o ser humano em termos de "problema".

Podemos sem dúvida falar de vocação da mulher e, consequentemente, de uma missão específica no plano de Deus, na Igreja, na sociedade. Mas essa vocação e essa missão descobrem-se na interpretação do pensamento de Deus. Daí decorre então uma inserção global no mundo, através da explicitação de uma atitude existencial bem definida. É então a pessoa toda que está em jogo - e neste caso é a pessoa como mulher que tem de definir-se. Formulam-se interrogações, esboçam-se atitudes, pressentem-se valores. Muitas vezes na dúvida, talvez até na angústia da procura dum caminho que se desejaria compreender até às últimas potencialidades. Mas esta descoberta progressiva, que é afinal a grande tarefa da vida inteira, não se reduz às dimensões "standard" e objectivas de "problema". Tem outro conteúdo e movimenta-se noutra esfera.

A diferente conclusão chegamos, se considerarmos não a mulher-em-si mas no enquadramento social. É aí que podemos definir situações, atitudes, dificuldades, inibições, que constituem problema - e, referindo-os ao "grupo" a que dizem respeito, podemos então falar em "problemas femininos".

A primeira manifestação de tais problemas nasce da própria estrutura masculina do pensamento humano. Sempre que se procurou definir a missão da mulher, utilizou-se um critério masculino na avaliação das necessidades de um mundo em que a vida social era



também construída quase exclusivamente sobre valores masculinos. Como nota o Prof. Buytendijk (1), "o homem tornou-se a medida e a norma". Ele totaliza todos os critérios com que se julga o humano.

Identificado praticamente ao "homo faber", o homem aparece-nos isento de qualquer mistério na expressão da força intelectual ou física com que domina as coisas criadas.

Ao construir a história, ao desenvolver o seu poder criador na ciência e na arte, ao descobrir novas relações e novos materiais que alicerçam o progresso da sociedade, o homem estabeleceu uma linha de rumo para a evolução do ser humano, e a qualquer outro caminho não dá senão a categoria de sombra ou de reivindicação à igualdade.

A mulher, na sua definição psico-sociológica, já trazia em si o véu de um mistério mais impenetrável que o do homem, conduzindo facilmente, numa análise superficial, à tradução da densidade do mistério em termos palpáveis de "problema". Ao autonomizar-se depois como pessoa, numa vida social de mentalidade e estrutura vincadamente masculinas, a mulher ultrapassou barreiras, venceu preconceitos, alcançou direitos, lutou violentamente pela igualdade. Nessa procura esqueceu muitas vezes que o segredo da sua plena dignidade como ser humano está, não em ser igual, mas em ser diferente, na plena consciência da sua originalidade própria e da missão única que lhe cabe realizar.

Está hoje ultrapassada a atitude feminista do princípio do

---

(1) - "La femme, ses modes d'être, de paraître et d'exister" , pg. 35



século. A sociedade compreendeu, após uma dura experiência de desequilíbrio social e de frustração na alma de muitas mulheres, que o movimento de promoção feminina emancipou a mulher de tudo, excepto da visão masculina da sua vocação de mulher...

Mercê, porém, da autonomia de pensamento e de acção a que o feminismo conduziu, foi possível à mulher considerar em maior liberdade o seu caminho e a sua missão no mundo. Descobriu então (continua a descobri-lo) que o segredo da sua plenitude, a eficácia da sua irradiação, estão na procura consciente e livre do lugar único que lhe cabe na sociedade dos homens. Por isso, a nossa época é de retorno às origens, numa tentativa de compreensão e de vivência da verdadeira feminilidade.

Não pode, porém, esse retorno às origens alimentar-se de uma vaga intuição de valores pressentidos nem do sentimentalismo sem critério que nivela indiscriminadamente todas as aparências de feminilidade. Tem de procurar, acima de tudo, penetrar o sentido do plano de Deus. É no plano da Criação e da Redenção que a resposta tem de ser encontrada. É aí que a mulher surge com o esplendor e a beleza da missão que deve cumprir no mundo : resposta obediente e confiante ao Criador, na serena aceitação da Cruz. (1)

É na consciencialização colectiva de tal missão e na incarnação da vocação comum nas múltiplas situações concretas da vida, que as grandes linhas da problemática feminina podem esboçar-se.

---

(1) - Para uma maior compreensão desta ideia, ler o artigo "A mulher no plano de Deus", publicado neste nº do "Encontro".



Em plena civilização do trabalho, a mulher colabora com o homem, na gigantesca máquina da produção, no frenético desenvolvimento da invenção. Tem as mesmas capacidades técnicas, resolve com sucesso idêntico os mesmos problemas. Todas as carreiras parecem estar-lhe abertas. E, no entanto, não é feliz. Uma sensação de vazio e de inutilidade desgasta-a progressivamente e conduz por exemplo, nos Estados Unidos, onde a mão-de-obra feminina constitui 1/3 da população activa, a toda a espécie de nevroses e de perturbações psicológicas. Na civilização técnica em que vivemos, "a mulher tornou-se vítima da máquina, subordinando o princípio criador da vida à produção de coisas inanimadas" (1).

Feita para ser no mundo a imagem da Igreja na sua realidade amorosa e maternal, como pode a mulher enquadrar o trabalho nessa perspectiva? Como pode a mulher, cuja realização pessoal não é possível senão na unificação de todos os elementos do eu, movimentar-se no mundo do trabalho, feito de sectores dispersos e parcelares? Como pode a mulher ser no trabalho um apelo à singularidade da pessoa humana, um convite ao diálogo que transforma as instituições em comunidades vivas?

As experiências extremas, porque "intelectualizadas", de Simone Weil (2) e Michèle Aumont (3), não são fantasia de sensibilidades exaltadas. Duma forma muito mais fria, mas nem por isso menos

- 
- (1) - "Le premier amour du monde", Mons. Fulton Sheen  
(2) - "La condition ouvrière"  
(3) - "Femmes en usine"



real, são os mesmos problemas da mulher no trabalho analisados e estudados por centros de investigação (1), por organismos internacionais de Serviço Social e da Família, e, duma forma especial, pela Organização Internacional do Trabalho.

Periódicamente, têm sido estudadas as características sociológicas da mão-de-obra feminina (distribuição pelos vários ramos de actividade, motivação da escolha profissional, consequências do trabalho profissional no equilíbrio psicológico), e as condições de trabalho da mulher. Neste último aspecto, uma acção sistemática junto dos governos dos vários países tem sido desenvolvida pela Organização Internacional do Trabalho. É que, apesar da tão falada igualdade de direitos, é preciso ainda salvaguardar as condições mínimas indispensáveis à presença da mulher no mundo do trabalho : duração diária do trabalho, e trabalho igual salário igual, trabalho nocturno, subordinação das exigências do trabalho aos deveres essenciais da mulher mãe.

Este problema assume dimensões novas nos continentes em evolução recente, como a Ásia e a África. Aí, a missão tradicional da mulher é quase radicalmente comprometida com a entrada da mulher no trabalho, originando, no plano pessoal, uma desadaptação que impede um pleno florescimento da personalidade feminina e, no plano social, um desvirtuamento da presença autêntica da mulher.

Assim se justifica que as várias coordenadas que assume o problema tenham amplitude internacional e ele seja objecto de estudo sistemático e rigoroso na Comissão da Mulher do Conselho Económico e Social da ONU.

(1) - Ver : "La vie quotidienne des familles ouvrières" - estudo sociológico realizado pelo "Centre National de la Recherche Scientifique" de Paris



O estudo destes problemas de trabalho na ONU não é independente do problema mais amplo da educação feminina. O acesso da mulher à educação em todos os graus é a condição sine qua non de qualquer tentativa positiva neste domínio. Tal acesso está longe ainda de ser completo. Basta referir que em todos os países do mundo, à excepção dos E.U.A., há mais casos de analfabetismo entre as mulheres que entre os homens, e que há dois anos, na Indonésia, se encerravam temporariamente para as raparigas as escolas, por falta de instalações. No domínio da cultura superior, entre 60 países, 57 têm uma percentagem de mulheres inferior a 40%, sendo 12 entre 25 e 39%, e os 45 restantes, menor que 25%. (1)

Não tem, porém, o acesso à educação um significado absoluto. Não se identifica de modo algum com uma atitude facciosa que pretendesse uma educação da mulher em detrimento da educação do homem, onde circunstâncias históricas ou sociais dificultassem a disseminação da cultura entre todos os indivíduos. Supõe, antes de mais, uma igual dignidade do homem e da mulher perante Deus e, consequentemente, na vida social. Neste sentido, o direito de acesso da mulher à cultura há-de manifestar-se, não só na instrução generalizada que às raparigas é dada nos países ocidentais, mas também na educação de adultos, que requerem as comunidades em desenvolvimento da Ásia e da África ou até de alguns países do mundo ocidental.

Mas não se limita a uma mera reivindicação de direitos o acesso da mulher à cultura. Tem um sentido muito mais positivo de

---

(1) - "Way Forum" , Rosemary Goldie



procura de um caminho próprio para a mulher na atitude perante a vida e o mundo. A mulher tem de apreender duma forma original o mundo e a realidade visível e invisível em que está mergulhada. Uma educação feminina não será, pois, de confundir com uma educação de tipo uniforme que se ministra numa escola de raparigas nem com uma educação que queira dar à mulher um lugar idêntico ao do homem na vida social e cultural. Irá mais longe e por caminhos diferentes. Procurará definir as exigências últimas da missão da mulher no mundo e orientará toda a experiência educacional de modo a fornecer os elementos que tornam possível uma resposta autêntica a essa missão.

Emunciada, embora, desta forma rápida, a educação verdadeiramente feminina, é um dos problemas-base da sociedade moderna. Constituinte problema ainda por resolver na civilização ocidental, adquire uma urgência inadiável para as jovens africanas e asiáticas. Na promoção, quase vertiginosa, que a mulher nesses continentes está sofrendo, o erro feminista do mundo ocidental tem de ser evitado, e só pode sê-lo se desde já for encontrado um esquema de educação que ajude a mulher a descobrir a sua vocação específica.

Tal esquema resultará, a um tempo, de um estudo teórico e duma experiência vivida. Edith Stein abriu o caminho para uma educação feminina, no domínio do pensamento teórico. Mas as raras tentativas, que têm surgido no campo da prática, não têm tido o fundamento doutrinário ou a dimensão incarnada que uma tal experiência necessariamente exige. Uma única tentativa parece estar a abrir caminho para novos rumos na formação da mulher : Grailville Community College, nos E.U.A., instituição de nível universitário que procura dar uma visão ampla e positiva da feminilidade nos tempos modernos, por uma

valorização integrada de todas as qualidades específicas da mulher.

Incompleta e inconsistente ainda a presença da mulher no trabalho, não definidas as linhas da educação própria que é necessário dar-lhe, a contribuição da mulher para a cultura e para o desenvolvimento das estruturas sociais (da família às grandes organizações internacionais) não apresenta ainda a dimensão plena que a humanidade espera. Realiza-se por forma intermitente e não tem a orientá-la a noção segura dos valores que cabe à mulher salvaguardar e inspirar. A mulher está, de facto, presente nas instituições, mas ainda não está totalmente presente como mulher.

Não é este, porém, o único ângulo por que pode olhar-se a presença da mulher no mundo. A consciência destes problemas, a necessidade profunda de cada mulher se definir como mulher num mundo que se constroi, a própria exigência imperiosa da sociedade em que vivemos, sedenta dos valores essenciais de amor, de cooperação, de relação pessoal, têm despertado, nos últimos 30 anos, uma autêntica procura da missão da mulher e das funções que tem a desempenhar na vida social. Algo de novo se está construindo. Toda uma literatura dramática e de tese esboça ou define aspectos essenciais da personalidade feminina e da contribuição que a mulher tem a dar a uma humanidade em marcha à procura do seu próprio destino. Sigrid Undset com o tema da salvação da mulher pela maternidade, dramatizando a afirmação de S. Paulo "E a mulher será salva pela sua descendência" ; Claudel com o tema da doação total na atitude virginal da mulher tornando possível, pelo sacrifício, a construção da Igreja ("Le mâle peut de-



venir prêtre mais ce n'est pas défendu à la femme d'être victime"); Edith Stein e Gertrude von Le Fort na fundamentação teórica dos valores básicos - abrem o caminho a uma série de pensadores cuja obra constitui hoje um sector absolutamente autónomo de investigação.

No plano institucional, as experiências feitas ao nível local ou nacional por organizações dos mais variados tipos e confissões, são o reflexo dum interesse que atinge a sua mais ampla expressão ao nível internacional.

As agências especializadas da ONU, de que destaco o BIT (1) e a UNESCO (2), as organizações mistas de juventude, como a WAY no plano neutro e a Pax Romana no plano católico, têm desenvolvido uma actividade que exprime esse interesse e é o fundamento dum trabalho cada vez mais sério. Reuniões, seminários, estágios de formação, são outros tantos meios que têm permitido despertar algumas mulheres responsáveis para a avaliação crítica do seu lugar no mundo.

A coroar os esforços que em todos os sectores se vêm realizando e a dar-lhes o suporte indispensável duma visão teocêntrica, a Igreja tem neste século, talvez mais do que em qualquer outro, contribuído para que a mulher encontre o seu caminho no plano de Deus. O aprofundamento da Eclesiologia e da Mariologia, que caracterizam os nossos dias, abrem perspectivas cada vez mais amplas à vocação da mulher, símbolo da Igreja e imagem de Maria. O Papa Pio XII, e, com ele, numerosos Bispos do mundo inteiro, definiram claramente,

- 
- (1) - A "Revue Internationale du Travail" inclui frequentemente estudos sociológicos sobre o trabalho feminino.
- (2) - Tem realizado sessões especiais sobre a educação feminina, e das suas publicações destacam-se: - o nº especial de "El Correo" "Es la mujer un ser inferior?"; "Educação civique des femmes"; "La femme et l'éducation".

nos últimos anos, as funções que a mulher é especificamente chamada a cumprir na construção do Reino.

E, numa forma existencial, milhares de mulheres no mundo inteiro, nos mais variados sectores de actividade, procuram, através da sua própria experiência, o caminho único que é o seu. No encontro de todas essas experiências, nos valores positivos que trazem à comunidade humana, as mulheres de hoje não estão fundamentalmente a defender direitos nem unicamente a procurar o seu próprio rumo. Estão a construir um mundo novo em que o homem e a mulher serão realidades plenamente humanas na consciência serena de valores específicos. Então será verdade a visão profética do poeta Rilke (1):

".... E estas palavras : rapariga, mulher, não significarão somente o contrário de homem, mas qualquer coisa de pessoal, valendo por si mesmo ; não apenas um complemento, mas uma forma completa de vida : a mulher na sua verdadeira humanidade."

---

(1) - "Cartas a um poeta" , pg. 72.